

O SUJEITO: *EFEITO DE UMA FALA*

Eliane Reis Neves Bezerra de Melo

“Nos pequenos rituais cotidianos, tais como o banho do recém-nascido, é freqüente que a avó, uma velha tia, a parteira, tenham o mesmo procedimento, declamando diante do bebê os nomes da sua linhagem, talvez simplesmente para falar com ele, contar-lhe histórias. Diz-se que estas evocações podem acalmar a criança e conduzi-la ao sono. A saudação do bebê, a identificação explícita dos seus ancestrais, é considerada como um dever do adulto: por isso é indispensável procedê-la diante de uma assembléia... A saudação resta, entretanto, indispensável, debulhando os laços de sangue, regando a criança com sua pertença.

Identificar o outro, nomeá-lo, nomear seus pais, não consiste somente em definir sua natureza, trata-se também de defini-lo como estrangeiro a si, reconhecê-lo outro, logo acordar-lhe existência.”¹ Tobie Nathan e Lucien Houkpatin.

Iniciarei este texto fazendo-me algumas interrogações, onde a primeira delas é sobre a palavra efeito, o que significa? Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, efeito significa “resultado de um ato qualquer”, sendo assim, tentarei descrever um pouco a constituição subjetiva desse sujeito e sobre o efeito enquanto consequência, ou resultado dessa constituição. E como o título mesmo diz, esse efeito vem de uma fala. Que fala é essa que pode tomar tal importância na história de alguém?. E aqui esse alguém, refiro-me ao sujeito, não o sujeito da filosofia, que é visto como o da razão, cujo princípio é o da lógica do verdadeiro e do falso, de um saber absoluto que se encarna num discurso de conhecimento cumulativo como instrumento de poder, cogito cartesiano: “Penso, logo sou”. Onde a máxima lacaniana subverte dizendo: “Sou, onde não penso”, ou seja, “Penso onde não sou, portanto, sou onde não me penso”. O cogito cartesiano apresentava o Eu como o lugar da verdade, o cogito freudiano nos revela que ele é sobretudo o lugar do ocultamento, sendo duas concepções de subjetividade

completamente diferentes. Pois enquanto o cogito cartesiano pensava o eu como uma entidade original e falava do sujeito da ciência, Freud pensa no eu como engendrado e nos fala do sujeito do desejo, onde se conclui que, antes de Freud, o sujeito se identificava com o consciente e, a partir de Freud, temos de nos perguntar por esse sujeito inconsciente e por sua articulação com o sujeito consciente. É nesse sujeito da psicanálise que quero me deter, aquele em que não há essência, mais sim evanescência; é falar do inconsciente com o inconsciente, sem contradizer o caráter fundamental elíptico e surpreendente do inconsciente; sujeito é este “ele” de que fala “o eu” quando quer se designar como inconsciente, um inconsciente que não seja um outro “eu”, mas sim sua própria divisão entre o “eu” e esse “ele, constituindo-se num nível do “ele não sabia”, onde o sentido de sujeito é só direção de um significante para outro e, como diz Lacan, “*a constituição do sujeito é de significante para significante*”. Sujeito esse que o próprio nome já diz: aquele que se sujeita, sujeito inconsciente, que só é possível advir no percurso da fala onde recupera, na sua própria fala, todas as falas faladas sobre ele. Esse advir de um saber não sabido que só numa relação transferencial poderá surgir. Relação essa em que são os dois sujeitos inconscientes em jogo e surge o terceiro na relação dual entre analista e analisante, que é a palavra, o simbólico, que está para além do imaginário, além dessa dimensão especular. E para que esse simbólico prevaleça à relação dual, é necessária a escrita do significante; e só há significante quando há uma relação de transferência ao sujeito suposto saber.

Continuando nessa caminhada, sigo me interrogando um pouco mais sobre esse sujeito efeito de uma fala. Que fala é essa? Será a mesma que Anna O. fez questão de tomar a palavra quando pede a Freud para se calar e deixá-la falar, “*talk cure*”, cura pela palavra. Esse é o princípio da psicanálise, ver qual a verdade que traz o sintoma, ler no sintoma e em todas as formações do inconsciente o desejo do analisante, ou seja, situar o desejo do sujeito. Aqui peço um tempo para tentar descrever o que é a fala para a psicanálise: “*Falar supõe que você erga a voz diante do corpo de um Outro num espaço suficientemente restrito para que ele o ouça e para que possa de preferência responder-lhe. A partir disso a fala implica um buraco de silêncio em que cada locutor espera em vão a palavra justa que corresponderia ao seu desejo*”.² Então subentende-se que é necessário um Outro para assegurar o corte do qual o sujeito se desprende e se recobra, corte esse que vem da castração simbólica, a cada vez que nomeia. Falar é contar de suas lembranças ou mesmo de seus esquecimentos, mas também é enunciar, produzir efeito de sentido que é singular a cada um a partir do desejo que o constitui, e para que isso ocorra é necessário ter uma escuta onde possa advir do sujeito um saber não sabido. Pois a função da fala é situar o sujeito na sua singularidade própria à sua estrutura, construída entre o outro imaginário, que

é o sujeito na sua singularidade própria à sua estrutura, construída entre o outro imaginário que é o significante da falta, e a constituição do objeto de desejo, objeto que supostamente o completa. Esse é o trabalho da fala, acossar este impossível objeto do desejo por meio de toda sorte de línguas, entre as quais as da formação do inconsciente (sonhos, atos falhos, lapsos...). Nesse sentido, a fala é um ato e também uma produção de desejo, pois articula assim o sujeito à sua estrutura que se sustenta, ao mesmo tempo, pelas leis da linguagem que regem o inconsciente.

Que falas faladas são essas? *“São as fãlas fundadoras que envolvem o sujeito, são tudo aquilo que o constitui, os pais, os vizinhos, a estrutura inteira da comunidade.”*³ Sendo assim, essa fala nada mais é do que a linguagem, pois essa é anterior ao sujeito e, como efeito, o sujeito se constitui na sua relação com o Outro, ou seja, o sujeito é efeito de sua relação com a fala, que foi falada ou não. Para entender um pouco mais sobre essa fala anterior que é a linguagem, significa dizer que ela está no campo exterior ao sujeito, tem sua estrutura própria, preexiste ao sujeito, preexistência que é particular a cada sujeito. Essa linguagem, inicialmente mítica, histórica, é permeada por uma dimensão interpretativa e, como resultante disso, é o sujeito narrado pelas três dimensões da fala: o real, o simbólico e o imaginário, formando assim representações dependentes da história de cada um, ou seja, nascemos sendo falados numa determinada língua (código universal), que é exterior ao sujeito: essa língua falada é o Outro para o sujeito, mas é com ela que o sujeito se mantém relacionado. O sujeito é essa relação com o sistema linguageiro que lhe constitui e o corpo é portador dessas inscrições, e essas letras inscritas no corpo não foram inscritas por si mesmo; o corpo passa a ser uma folha de papel onde é inscrito um texto, texto esse que é lido em voz alta em análise, com a seguinte pergunta: “O que isto quer dizer, dizendo isso?. A partir do momento em que o sujeito se interroga, ele se constitui e, para que haja essa interrogação, basta que exista um *“quod”* (de o que será que é); a questão é esse enfrentamento do sujeito para além do ego que advém em análise, pois na medida em que o sujeito fala, pode encontrar inteiramente sua resposta, seu retorno, seu segredo, seu mistério no simbólico construído. Esse corpo despedaçado encontra a sua unidade na imagem do outro, que é sua própria imagem antecipada.

Até o momento, Freud e Lacan nos tem dito desse sujeito, até então absoluto, que é atropelado por um outro sujeito que ele desconhece e que lhe impõe uma fala que é vivida pelo sujeito consciente como estranha, lacunar e sem sentido. O que é indicado por essas formações lacunares é o lugar do Outro onde, segundo Lacan, se situa a cadeia do significante e onde o sujeito aparece. *“Esse outro é a ordem inconsciente, ordem simbólica, que se distingue do outro que é o semelhante, o outro sujeito. É a partir do Outro entendido como um lugar simbólico, de certa maneira externo ao sujeito,*

*que podemos entender a diferença entre o ego e o eu. Esse outro não é uma instância mas a ordem simbólica, constituída pela linguagem e composta de elementos significantes formadores do inconsciente. O Outro é ainda a lei do desejo, razão pela qual toda relação a um outro é relação ao Outro, o que significa dizer que ela é regulada pela ordem inconsciente.”*⁴

A fala vem a ser o instrumento pelo qual se engaja o sujeito, é efeito das falas fundantes que em uma situação de análise faz com que o analisante se ocupe em resgatar as falas fundantes que articularam a linguagem. *“A fala instaura na realidade a mentira. E é precisamente por introduzir o que não é que ela pode também introduzir o que é. Antes da fala, nada é nem deixa de ser. Provavelmente já está tudo lá, mas é somente com a fala que há coisas que são e coisas que não são. É com a dimensão da fala que se cava no real a verdade. Não há nem verdadeiro nem falso na fala. Com ela se introduz a verdade, e também a mentira e ainda outros registros.”*⁵

Termino este momento de questionamentos apropriando-me de dois escritos de Lacan como forma de buscar embasamento até onde pude interrogar. O primeiro é o de que *“A fala fica, a escrita voa”* e o segundo *“O sujeito na medida em que existe, em que se mantém na existência, em que coloca a questão de sua existência, o sujeito com quem vocês dialogam na análise e que saíram pela arte da fala, sua realidade essencial fica na junção da realidade e do aparecimento das tábuas de presença. Isto não quer dizer que seja ele quem cria todas elas. O que me matou em lhes dizer é que, justamente, elas já estão feitas. O jogo está jogado, os dados já foram lançados. Já foram lançados, com a seguinte ressalva, podemos retomá-los em mão, e lançá-los mais, ainda. Há muito tempo que a partida está encetada.”*⁶

Neste momento quero recorrer à canção “Eu caçador de mim” interpretada por Milton Nascimento, cuja letra nos diz: *Por tanto amor/ Por tanta emoção/ A vida me fez assim/ Doce ou atroz/ Manso ou feroz/ Eu, caçador de mim/ Preso a canções/ Entregue a prisões, que nunca tiveram fim/ Vou me encontrar longe do meu lugar/ Eu, caçador de mim.”*

Dessa maneira fico a pensar como a arte descreve tão bem esse sujeito do qual nos interrogamos a todo instante.

Ou será que o caçamos a todo instante?

BIBLIOGRAFIA:

- 1- Wanderley, Daniele de Brito, org. – Palavras em torno do berço: intervenções precoces bebê e família, Salvador, BA. Ágalma, 1997.
- 2- Kaufmann, Pierre – Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996
- 3- Lacan, Jacques – Seminário 1 – Os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1975.
- 4- Roza, Luiz Alfredo Garcia – Freud e o inconsciente, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000
- 5- Lacan, Jacques – Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1978.
- 6- Vallejo, Américo e Magalhães, Lígia C. – Lacan: Operadores de Leitura, São Paulo, Perspectiva Editora, 1991.
- 7- Dor, Joel – Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

Idéia-núcleo:

“O texto se propõe a tentar responder questões como: Qual o efeito de uma fala na formação do sujeito? Sujeito não da ciência, do cogito, mas o da psicanálise, inconsciente. E que falas são essas tão fundantes nessa constituição?”